

INTRODUÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

O populismo é um fenômeno amplamente debatido em ciência política, cujas primeiras identificações vêm do século XIX com o movimento dos *narodniks* russos e o partido dos agricultores nos Estados Unidos da América (Tormey, 2019). No decurso do tempo houve manifestações do populismo em diferentes países e continentes, o que lhe confere características camaleónicas (Taggart, 2004, p. 275). As análises do populismo são feitas sobre candidatos, movimentos e partidos nos mais variados espectros políticos (Aalberg & De Vreese, 2017, p. 2).

A amplitude do tema no tempo e no espaço teve como consequência diversos posicionamentos académicos que se foram desenvolvendo no decurso de décadas. A título de exemplo, observa-se a variação e o alargamento do conceito no trecho do autor argentino Ernesto Laclau que, ao comentar o trabalho de Margaret Canovan (1981), aponta que ele «inclui fenómenos tão disparatados quanto o populismo americano, os *narodniki* russos, os movimentos agrários europeus surgidos logo após a Primeira Guerra Mundial, o Crédito Social na província canadiana de Alberta e o peronismo na Argentina, entre outros» (Laclau, 2013, p. 35). A própria autora em trabalho posterior também comentou esta incrível diversidade do populismo, e apontou que seria difícil imaginar que atores e partidos políticos como Tony Blair, Hugo Chávez, Jean Marie Le Pen, *Narodniks* russos e o Partido do Povo Americano¹

¹ O Partido do Povo Americano é conhecido como um dos primeiros partidos populistas das Américas, também chamados populistas originais. Cf. Kazin, M. (2017). *The Populist Persuasion*. An American History. Ithaca: Cornell University Press.

tivessem em comum algum parentesco político, mas têm-no: todos foram populistas (Canovan, 2004, p. 243).

No que diz respeito ao espectro político, o populismo não é menos variado. Já foram escritos artigos científicos de análise de atores e partidos populistas tanto à esquerda quanto à direita e em diferentes continentes. É o caso de *Vlaams Bloc/Vlaams Belang's* (VB) na Bélgica (De Cleen, 2013); *True Finn Party, Perussuomalainen puolue* (PS) na Finlândia (Arter, 2010); Donald Trump nos Estados Unidos da América (Nai, Martinez i Coma & Maier, 2019); Brexit na Inglaterra (Norris & Inglehart, 2019) e Hugo Chávez na Venezuela (Hawkins, 2009). É possível identificar o populismo no tempo, no espaço físico e no espectro ideológico em todo o mundo, por mais diferente que seja o contexto no qual o fenômeno se manifeste, porque o populismo, na sua forma pura, é incompleto e flexível. Ele relaciona-se com outros conjuntos de ideias que são mais densos ou completos do que ele por si só, o que faz com que, ao emergir, surja ligado a outras ideologias; é precisamente por este motivo que já foram identificados populistas revolucionários e reacionários, de esquerda e de direita e autoritários ou libertários (Taggart, 2004, p. 275).

Todavia, não se trata de um fenômeno abstrato, pois há características que todos os atores populistas partilham, das quais podemos referir, como exemplo, a imagem da vontade geral do povo que eles pensam representar. O populista tem uma imagem cuidadosamente elaborada sobre o povo em nome do qual fala (Mudde & Kaltwasser, 2017, p. 98). Ademais, também se apresenta como «verdadeiro democrata» (Albertazzi & McDonell, 2008, p. 4). Os populistas veem-se como verdadeiros democratas na perspectiva da democracia direta, alegando que falam em nome de um povo homogêneo e defendem a vontade desse povo em abstrato; assim sendo, serão eles os verdadeiros democratas por quererem que a vontade da maioria do povo que pensam representar se realize.

Os latino-americanos contam com uma longa lista de líderes populistas, como: Getúlio Vargas, no Brasil; Juan Domingo Perón, Nestor e Cristina Kirchner, na Argentina; Jorge Eliécer Gaitan e Gustavo Rojas Pinilla, na Colômbia; Hugo Chávez e Nicolás Maduro, na Venezuela; Rafael Correa, no Equador; Evo Morales, na Bolívia; Fernando Lugo, no Paraguai; e Manuel López Obrador, no México (Álvarez & Kaiser, 2019). Cumpre ressaltar que há divergência quanto ao populismo de alguns atores denominados populistas: na obra de Alvarez e Kaiser², Nestor Kirchner e Luiz

² *Ibid.*

Inácio Lula da Silva são ambos apontados como líderes populistas, sendo o último um populista carismático; em contraponto, há investigação que identifica um grau de populismo baixo nesses atores, como defende Hawkins: «descobrimos que dois líderes atuais que às vezes são considerados populistas mornos, Nestor Kirchner na Argentina e Luis Inácio Lula da Silva no Brasil, na verdade não têm muito discurso populista» (Hawkins, 2009, p. 1056).

Não obstante, a América Latina é historicamente um campo fértil para o desenvolvimento do fenômeno populista, tendo até sido identificada como «a terra do populismo» (De la Torre, 2017, p. 196), pois conta com uma longa história de fenômenos populistas nos países da região, como afirma Cristóbal Rovira: «comparada ao resto do mundo, a América Latina é provavelmente a região que possui a mais rica tradição de líderes, movimentos e partidos populistas» (Kaltwasser, 2014, p. 501).

A história do populismo no Brasil não é dissociável da do populismo na América Latina. Entre os líderes populistas que marcaram a história da nação, podemos citar Getúlio Vargas, que chegou ao poder na década de 1930 e era um populista clássico (Kaltwasser, 2014, p. 497), Leonel Brizola um populista no espectro da esquerda política (Weyland, 2001, pp. 7-8; Bethell, 2018, p. 189) e Fernando Collor de Melo, que foi um populista neoliberal que chegou ao poder na década de 1990 e é identificado no espectro político da direita como um *outsider* (De la Torre, 2017, p. 198; Bethell, 2018, p. 189). Em 1992, Collor sofreu um processo de impugnação que o levou a renunciar ao seu mandato. O vice-presidente Itamar Franco assumiu o cargo até 1995, ano em que houve novas eleições nas quais Fernando Henrique Cardoso foi eleito pelo Partido da Social-Democracia Brasileira e reeleito em 1998, sendo sucedido por Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores em 2003 e depois por Dilma Vana Rousseff do mesmo partido, que foi alvo de uma impugnação em 2016.

Ao longo dos 26 anos durante os quais os dois principais partidos políticos do país ocuparam o poder executivo, ocorreram eventos importantes, como o Mensalão e a Operação Lava-Jato, que contribuíram para a desmoralização da classe política e para a cassação do mandato de Dilma. Ademais, as jornadas de junho em 2013 mudaram fortemente o cenário político, inclusive o monopólio de esquerda em relação à participação política (Avritzer, 2016). Este marco contextual é importante para entender a ascensão populista de Jair Bolsonaro no Brasil, pois há fortes indícios de que uma crise de legitimidade num sistema representativo constitui um terreno fértil ou até uma condição para o surgimento do fenômeno populista (Taguieff, 1997; Ardit, 2005).